

VIA SACRA
Nuno Higinio, 2021

ESTAÇÃO 1: JESUS É CONDENADO À MORTE

Compete à justiça condenar para reparar um mal cometido por alguém. A sociedade precisa que a justiça condene os prevaricadores. A condenação é necessária para manter a sociedade humana sob segurança. Sem a condenação legal, feita em nome da justiça, nenhuma sociedade seria viável.

Não foi assim com a condenação de Jesus. Ele foi injustamente condenado. As autoridades políticas e religiosas, de Roma e de Jerusalém, concertaram-se para o condenar porque a sua vida e as suas palavras eram incômodas. Os poderes, quando exercidos de forma tirânica, arbitrária e injusta, esperam de todos cooperação ou, pelo menos, silêncio. Jesus não colaborou nem se calou. O anúncio do Reino de Deus exigia denúncia. O seu ministério foi contra o medo e a ganância; contra as tiranias; contra a exploração e a miséria; contra os abusos do poder; contra a arrogância e a ignorância; contra a pobreza; contra a hipocrisia e o legalismo; contra o fatalismo. Jesus praticou um ministério do esclarecimento porque Ele era a luz. E a luz põe a descoberto o que os tiranos e abusadores querem ocultar.

Condenar alguém compete à justiça. Nenhum de nós está autorizado a condenar e a impor castigo: nem perante a justiça humana, nem perante Deus. À semelhança de Deus Pai, devemos ser lentos para a ira e ricos de misericórdia. Jesus lutou sem tréguas contra a injustiça cometida sobre os outros, mas, perante a sua condenação injusta, não abriu a boca. O projeto de fraternidade que o Papa Francisco não se tem cansado de anunciar, é a nossa tarefa. A fraternidade constrói-se com paciência, compreensão e, sobretudo, perdão. Não podemos aspirar a um mundo mais justo e fraterno se não praticarmos a justiça e a fraternidade. Não podemos pretender acabar com as injustiças, praticando-as nós próprios. Não podemos levantar a voz contra a condenação injusta se nós próprios formos céleres na condenação dos nossos irmãos.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a mansidão, a olhar o nosso próximo, não como um rival que é preciso combater ou eliminar, mas como um companheiro de caminhada, alguém que reúne em si força e fraqueza, amor e inveja, condenação e perdão.

ESTAÇÃO 2: JESUS TOMA A CRUZ AOS OMBROS

Ser condenada à morte na cruz era a suprema humilhação. A morte por este processo era extremamente dolorosa e o condenado podia demorar dias a morrer, ficando todo esse tempo suspenso num sofrimento atroz. Os homens sempre foram peritos em inventar sistemas de tortura para causar o maior sofrimento possível.

Jesus foi condenado à morte e, para a execução da pena, foi escolhido o processo mais doloroso. Depois do julgamento e da flagelação, chega o momento de carregar aos ombros o próprio instrumento do suplício, percorrendo com ele o caminho até ao local da execução, passando pelo meio da multidão. Humilhação sobre humilhação. A vida está cheia de sofrimentos, aqueles que são impostos pela nossa natureza frágil e mortal, ou pelo acaso, e aqueles que são impostos pelas forças do ódio que se escondem no coração humana. E se, para os primeiros, a ciência encontrou, em muitos casos, remédio para os aliviar ou mesmo superar, para os segundos não existe remédio. Só há uma solução capaz de vencer o ódio, aquela que Jesus Cristo ensinou e praticou: o amor. A amor é tudo, o princípio e o fim, a única forma de salvação. Fora do amor não há salvação. O amor não é um conceito abstrato. Ele tem formas concretas, essas que nos aproximam dos outros, sobretudo dos mais frágeis. Jesus não resistiu aos que lhe colocaram a cruz sobre os ombros, pois ele sabia que esse entrega última e decisiva era a única forma de resgatar todo o género humano.

A cruz tornou-se assim em símbolo da entrega suprema. Ela já não é mais um instrumento de sofrimento e morte, mas um sinal de amor. A cruz suspendeu o seu efeito de morte e floresceu numa primavera de vida. A cruz é o nosso símbolo, a marca que nos distingue. O caminho de Jesus foi o caminho da cruz. Não por opção, mas como consequência lógica da sua vida. A única fórmula para chegar a Deus é o amor ao próximo, pois só a via do próximo nos aproxima de Deus. Não há outra via. E, como recorda S. João, 'quem diz amar a Deus e despreza o seu próximo é mentiroso' (1Jo 4,20).

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, o caminho da cruz, não a cruz sádica da falsa religião, mas a cruz do compromisso com a verdade, a justiça e a luta por uma sociedade sem excluídos. Se algum dia formos chamados a carregar uma cruz pesada, por uma doença, uma perda irreparável ou uma tragédia, dá-nos força para a levar e fé para acreditar no poder redentor da cruz de Cristo.

ESTAÇÃO 3: JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ

A queda é uma mudança brusca e inesperada de posição. Aquele que cai vê-se privado da sua posição habitual de segurança. A criança cai muitas vezes quando começa a dar os primeiros passos. O idoso cai algumas vezes quando as forças, a orientação e o equilíbrio começam a faltar. Todos caem durante a vida, sejam quedas sem consequência, sejam quedas que debilitam e condicionam o resto da vida.

Jesus caiu quando carregava a cruz a caminho do Calvário. Caiu três vezes, segundo a tradição. Esta é a primeira queda. O cansaço do julgamento e dos açoites, o peso da cruz, a dor do abandono: abandonado pelos poderes, abandonado pelos amigos, abandonado por Deus. Jesus, cansado de todos estes cansaços, não aguenta manter-se na sua posição e cai pela primeira vez, os joelhos ao encontro violento com a terra e as pedras. Na queda, a cruz terá ofendido ainda mais a carne dos seus ombros. Caiu e levantou-se, como fazem os fortes.

A queda é um momento. Um momento de desamparo, quase sempre imprevisto. Não há vida sem quedas: físicas, psicológicas, espirituais, morais. O nosso imaginário cultural e religioso está indelevelmente marcado por uma queda primordial, a queda de Adão e Eva. Uma queda por desobediência, pois estavam proibidos de comer da árvore do bem e do mal e não resistiram a provar o seu fruto, caindo assim para fora do Paraíso. É desta queda original que a morte de Cristo liberta. E é esta libertação que nos deve motivar depois de cada queda. Se a queda é um imprevisto, algo alheio à vontade, o reerguer-se dela é fruto duma vontade firme.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor a decisão, a capacidade de vencer depois de cada queda. Nós caímos por diversas razões, umas que são responsabilidade nossa, outras não. Ajuda-nos a levantar quando não temos ânimo ou forças para o fazer sozinhos. Ajuda-nos a permanecer próximos de Ti, pois a pior queda seria cair para longe do Teu amor.

ESTAÇÃO 4: JESUS ENCONTRA SUA MÃE

O encontro de Jesus com a sua mãe, durante o caminho para o Calvário, é um encontro essencial: chama ao centro e à origem. Mais à frente, já depois de ter expirado, o encontro repetir-se-á, quando Maria recebe o corpo do seu Filho morto nos braços. Aqui, Jesus vê a sua mãe no meio da multidão e encontra-se com ela, provavelmente só através do olhar e do coração. Não terão trocado qualquer palavra, nem isso era necessário. Há situações em que as palavras atrapalham mais do que ajudam.

A mãe é uma fonte e um oceano: uma fonte de origem e um oceano de chegada. E de permanência. A mãe reúne tudo ao seu redor: a vida, os anseios, o realizado e o que espera realização. Presente ou ausente, a mãe anda sempre por perto da vida dos filhos. Ela levanta muros quando é necessário levantar muros e derruba-os quando é necessário derrubá-los. O modo e o ritmo de batimento do seu coração é condicionado pela vida dos filhos. A mãe levanta-se sempre mais cedo, mesmo quando é a última a levantar-se. E deita-se tarde, mesmo quando é a primeira a deitar-se.

É preciso esperar que a mãe chegue. Sem ela chegar não há vida, não há encontro, não há sentido. Ela tinha que chegar e cruzar o olhar com Jesus naquele caminho penoso. A tradição fixou este momento e os crentes abraçaram-no na sua devoção. O 'sermão do encontro' que se realiza em tantos lugares do nosso território, pretende condensar o tempo nesse momento, nessa troca rápida de olhares entre Jesus e a mãe. É necessário dar dimensão de eternidade a momentos com densidade humana e sobrenatural como foi este encontro.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a dilatar os horizontes da nossa vida pela atenção aos momentos essenciais que ela nos proporciona. Abençoa e protege todas as mães e dá alento às que, no meio dos infortúnios da vida, perderam as forças e a orientação para que voltem a ser o rochedo firme da família e da sociedade.

ESTAÇÃO 5: SIMÃO DE CIRENE CARREGA A CRUZ DE JESUS

Os ombros são a parte do corpo que carrega o mais pesado. É uma zona de articulação, onde o braço se une ao tronco, e caracteriza a robustez duma pessoa. Simão de Cirene seria um homem forte e acompanhava Jesus no seu caminho para o Calvário. Quando lhe entregam a cruz, passa a caminhar 'ombro a ombro', partilhando a condição de sofrimento de Jesus. Ele carregou aos ombros a cruz de Jesus. Meteu ombros a uma tarefa pesada. Não encolheu os ombros nem olhou por cima do ombro.

A compaixão devia ser mais do que um dever. Devia ser uma condição, a condição de possibilidade do próprio humano, anterior a qualquer outro compromisso. Compadecer-se é a forma do humano. A compaixão é uma fronteira, um lugar de decisão: ou avançar ou recuar. A humanidade do humano joga-se sobre uma linha de decisão. Quem não é capaz de 'meter os ombros' para partilhar a carga do outro, não é digno da condição humana. Esse recua perante o seu próximo, ignora a sua linhagem humana.

Ser cristão implica um incremento de humanidade. Cristo continua a carregar a cruz e a necessitar de quem o ajude a carregá-la. Carrega a cruz de cada pobre, de cada rejeitado pela ordem social. Carrega a cruz de cada doente, daquele que se vê injustiçado pela genética, pela natureza, pelos acidentes mais cruéis. Carrega a cruz do que está na prisão, sobretudo daquele que foi condenado injustamente, daquele que está preso por delito de opinião, daquele que, na prisão, é vítima dos bandos dominantes. Carrega a cruz das famílias destroçadas pela perda violenta de algum dos seus membros. Carrega a cruz dos que são abandonados ao nascer, vivem uma vida de abandono, morrem sem ninguém reclamar o seu cadáver e sem ninguém que os guarde na memória.

Aproximar-se de algum destes cristos é ser outro Cireneu, é meter ombros à cruz para aliviar um pouco o seu sofrimento, ainda que seja um alívio momentâneo, como uma gota de água no deserto. No deserto, uma gota de água pode decidir entre a vida e a morte. A compaixão que define a humanidade consiste em gestos simples. O sofrimento do próximo, quando ele não pode deixar de o manifestar, não pode passar despercebido, não pode ser motivo de distração. Distrair-se do sofrimento alheio, demitir-se de meter ombros à cruz que ele carrega, é afastar-se do humano. É afastar-se de Cristo.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor a compaixão, a proximidade atenta e necessária do outro. Aquele que precisa de compaixão vive connosco, caminha connosco, frequenta a nossa praça, o nosso trabalho, a nossa igreja. Vive, porventura, debaixo das nossas telhas. Ajuda-nos, Senhor, a voltar o nosso coração para o próximo.

ESTAÇÃO 6: VERÓNICA ENXUGA O ROSTO DE JESUS

Enxugar e limpar o rosto dum combatente, dum refugiado, dum condenado ou dum moribundo é um gesto de humanidade genuína. Não é apenas uma questão de higiene ou de alívio da dor. É um ato de ternura. Não há maior ternura do que debruçar-se sobre um corpo em extrema dificuldade ou agonia e tocar-lhe. Isso é comungar do sofrimento pelo toque, estabelecer uma ligação profunda, mais para além de qualquer lógica ou compreensão racional. A ternura que inspira o amor é puro dom.

No seu caminho para o Calvário, Jesus está cada vez mais esgotado. As suas forças esmorecem a cada momento. A verdadeira humanidade de Jesus vê-se no sofrimento. Se Ele fosse um Deus à maneira dos deuses da mitologia, encontraria, com certeza, uma maneira de evitar ou iludir o sofrimento. Mas a sua divindade é uma divindade comprometida com a natureza humana, sem cedência ao privilégio ou astúcia dos heróis mitológicos. O Deus de Jesus não é um Deus do espetáculo, da intriga ou da autoglorificação. A glória de Deus é a humanidade do homem. Ele glorifica-se elevando o homem a uma dignidade ímpar. A passagem de Jesus pela história foi para selar um compromisso, uma aliança em favor do género humano. Deus humilha-se, mergulha no húmus, na humanidade. Podemos quase dizer que Deus 'mancha' a sua divindade por amor ao homem. O sofrimento de Jesus não foi a fazer de conta, não foi uma encenação de Deus.

Uma mulher de entre a multidão viu o grande sofrimento daquele condenado. Não sabemos se ela o conhecia ou se alguma vez se tinha cruzado com Ele. Provavelmente, não. Provavelmente, avançou movida apenas por uma paixão genuína. Rompeu a barreira da multidão e acercou-se para enxugar o rosto de Jesus. As mulheres, tão desprezadas pela cultura e pela teologia ao longo dos séculos, são as primeiras a avançar. Avançam vencendo a inibição, o medo ou o preconceito. A sua natureza maternal leva-as até ao mais extremo dos lugares, até ao limite. Elas dão sem esperar receber e, por isso, recebem dentro de si o melhor, o mais extraordinário milagre, a vida. As mulheres são portadoras de vida e de ternura. No caminho para o Calvário são as mulheres que protagonizam os momentos de maior ternura e humanidade.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a levar gestos de ternura aos sítios mais recônditos e sombrios da vida, sobretudo aqueles onde um rosto sofredor espera por um pouco de alívio. Ajuda, Senhor, a nossa cultura e a Igreja a vencer todos os preconceitos e a recuperar para as mulheres um lugar justo na Igreja e na sociedade.

ESTAÇÃO 7: JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ

As quedas de Jesus são as nossas quedas. Nós caímos uma vez e outra vez. A base de apoio que sustém a nossa vida é frágil. Nós somos frágeis e estamos expostos a muitos perigos, desde os físicos aos espirituais. O lugar do homem no universo é mínimo, minúsculo. Menos do que um grão de pó a rodar pelo universo infinito. E, no entanto, cada ser humano pode albergar dentro de si todos os sonhos.

Perante Deus não há sonhos impossíveis, caminhos fechados ou quedas fatais. Cair, uma vez e outra vez, é uma aprendizagem. Cada queda ensina a conhecer melhor o mundo e os seus perigos. E ajuda a compreender o fundamento precário das ideias. E, apesar disso, podemos alimentar 'todos os sonhos do mundo' (Álvaro de Campos, Tabacaria). Uma queda só se torna irreversível quando falta a vontade de a ultrapassar: uma vez e outra vez.

Jesus seguia o caminho do Calvário, quase na exaustão, o corpo e a alma em carne viva. Também Ele caiu segunda vez e voltará a cair. E se levantará após cada uma das quedas. Depois das três quedas devocionais, cairá na sepultura, depois de descido da cruz. Esta queda julgava-se insuperável. A morte representa a queda final e definitiva, da qual ninguém poderá mais levantar-se. Sabemos que também desta queda se levantou e acreditamos que, depois dela, não haverá mais quedas.

A segunda queda não é mais nem menos determinante do que a primeira ou a terceira. É outra queda. Diariamente caímos, uma vez e outra vez, quando falhamos no essencial. Há um efeito devastador provocado pelas quedas sucessivas, quando nos habituamos à ofensa e nada fazemos para a ultrapassar. Multiplica-se a decepção, a insegurança, a amargura. Poucas coisas são tão prejudiciais à vida como a amargura. Ela infiltra-se e corrói e, aos poucos, destrói, com grande sofrimento, o essencial de todas as relações: a confiança.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a confiança, a começar pela família e o núcleo mais próximo das amizades. Só a confiança permite avançar sem temor. Só a confiança é capaz de gerar mais confiança. Ajuda-nos, Senhor, a ganhar todos os duelos com o desânimo e a amargura.

ESTAÇÃO 8: JESUS ENCONTRA AS MULHERES DE JERUSALÉM

Agora o encontro de Jesus não é apenas com a sua mãe ou com Verónica. É com as mulheres de Jerusalém. Quem são estas mulheres? São mulheres, simplesmente, que batem no peito e choram o sofrimento e a morte próxima de um Justo. Vieram de entre o povo, por compaixão, mas sobretudo porque o seu manto de mulheres abriga toda a inquietação do mundo. As mulheres que o profeta Isaías lamentou, por serem altivas e despreocupadas (Is 32,9ss), atravessaram os séculos e sobem agora ao Calvário com Jesus. Porque tudo está a ser transformado e o mundo abalado nos seus fundamentos. Foi o alento de Deus que as fez chegar a este encontro. A sua presença simboliza o regresso do direito e da justiça. Elas prometem tranquilidade e segurança. Prometem moradas de paz. Elas semearam junto à corrente das águas. O grão de trigo vai morrer, mas dele nascerá muito fruto.

As mulheres de Jerusalém são as mulheres de Atenas ou as mulheres de Calcutá. São vigilantes da noite. Perante a injustiça, a opressão ou a miséria, elas levantam-se e caminham com os oprimidos e os miseráveis. Todas as vítimas são filhas e filhos de mulher. Aos poucos, as mulheres vieram para a rua e empenharam-se nas grandes lutas, libertando-se da sua escravidão de milénios, sem deixar de 'se perfumar e banhar com leite'. 'Quando fustigadas não choram, se ajoelham, pedem e imploram' (Chico Buarque, Mulheres de Atenas). As mulheres reúnem tudo ao seu redor: a casa, os filhos, os sonhos.

Vieram as mulheres de Jerusalém. Subiram a encosta para chorar. Jesus as abençoou com o seu sangue, o seu suor e a sua dor. Elas sobem e sobem a encosta todos os dias, em todo o mundo. Sobem todas as encostas do mundo e, como Teresa de Calcutá, metem a mão na miséria, sujam o manto com o sangue dos combatentes, lavam a alma com o riso das crianças. Abençoadas as mulheres que mergulham nos rios lodosos, conspurcados pelo ódio. Abençoadas as que mergulham na contemplação, tecendo mantos de paz com a sua oração. Abençoadas as mulheres que lutam e arriscam para criar mais justiça, para tornar o deserto do mundo num oásis de paz!

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, o amor maternal de Deus, esse amor que Jesus trouxe à humanidade, tecido com os fios do sofrimento e da morte. Ensina-nos o carinho que transforma e dilata o coração. Ajuda-nos, Senhor, a defender os direitos de todas as mulheres e a construir uma sociedade onde o lugar delas seja sagrado e fecundo.

ESTAÇÃO 9: JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ

As três quedas de Jesus têm um valor simbólico e, portanto, o seu sentido deve ser procurado nas camadas mais interiores da vida. A queda tem um significado mitológico e religioso, representa o anseio do homem de subir mais alto, de voar, de ir além da sua condição gravitacional, de sentir a vertigem, de se igualar aos deuses imortais. São imensos os desportos que apelam a experimentar estes limites, a simular a queda para o abismo. A capacidade de sedução da queda está até nos sonhos, associada aos piores pesadelos.

Ao cair pela terceira vez, Jesus manifesta o seu esgotamento físico e emocional. Levantar-se desta queda terá sido mais difícil do que levantar-se depois das anteriores. A capacidade de resistência caminha para o seu limite. Mas Jesus ainda consegue levantar-se uma última vez. Perante as suas quedas sucessivas muitas das pessoas que o acompanhavam ou se encontravam no caminho, desviam o olhar para não ver a sua dor. Outras, porventura, caem de joelhos para manifestar compaixão, outras mordem os lábios por causa da sua impotência.

‘Cair de joelhos’ é uma atitude digna perante Deus. É das poucas quedas que não magoam, não sujam, não diminuem, não envergonham. É uma queda que engrandece. O nascimento, a vida e o ministério de Jesus foram uma queda. Queda da divindade para o mundo, queda do Céu para a Terra, queda na humildade da natureza humana. Ele ‘não se valeu da sua igualdade com Deus’ (Fil 5,8) e assumiu as dores dos homens. Jesus ajoelhou-se diante do homem. O Criador ajoelhou-se diante da criatura. É esta pedagogia de Deus que dignifica a humanidade, o mundo, a história. Jesus caminhou através dos nossos caminhos, bebeu da nossa sede, comeu do nosso pão, alegrou-se com o nosso vinho, dançou nas nossas festas, chorou as nossas dores, cantou a natureza, velou pela vida. E, no final, caiu das nossas quedas. Caiu uma vez, outra vez e outra vez.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a caminhar pelos caminhos duma vida autêntica, porque fundada em Ti; aqueles caminhos que conduzem ao Teu Reino, mesmo que, durante a jornada da vida, possamos cair muitas vezes. Ajuda-nos a levantar depois de cada queda e a dar a mão aos nossos irmãos que caem ao nosso lado.

ESTAÇÃO 10: JESUS É DESPOJADO DAS SUAS VESTES

As vestes carregam cultura. As diversas culturas, ao longo dos tempos, e as pessoas dentro das culturas, procuraram nas vestes uma forma de identidade e afirmação. Na sociedade estamos vestidos. As vestes são uma forma de pertença a uma sociedade. A maneira de vestir revela alguma coisa sobre a pessoa e o seu estatuto social, a sua cultura, a sua personalidade. Desde muito cedo que as vestes deixaram de ser um mero resguardo ou proteção do corpo.

Ser despojado das vestes significa, de alguma forma, ser exilado da sociedade. No pretório de Pilatos, os soldados colocaram sobre as costas de Jesus um manto de púrpura, para escarnecer da sua realeza. As vestes da sua identidade estavam por baixo, talvez rotas e ensanguentadas. Antes da crucifixão retiraram-lhe as vestes e repartem-nas entre si. Jesus fica só com a sua nudez. Ele conhecia as Escrituras e, ao sentir-se assim exposto na sua nudez, talvez se tenha lembrado das palavras de Job: 'Nu saí do ventre de minha mãe e nu para ele voltarei' (Job 1,21). A morte, mesmo sendo a morte do Filho de Deus, não necessita de grande equipamento. É uma viagem à qual não faz falta nem ouro nem prata, nem grandes construções mentais. A última prova da liberdade exige apenas o despojamento total: 'aquele que é despojado fica livre' (Sophia, Ilhas, A princesa da cidade extrema). As vestes acumulam nódoas e detritos com o passar do tempo: vaidade, arrogância, exploração. Por debaixo dum fato, dum vestido de fino corte, ou dum par de sapatos, está, tantas vezes, a marca do suor dos pobres, dos que trabalham a troco de um salário miserável. Quando se está prestes a embarcar para a morte, é imperioso desfazer-se das últimas marcas dum mundo desigual e injusto.

Deus desnudado perante a multidão. Deus exposto, ultrajado. Um dos que foi crucificado com Jesus interpretou bem a lógica deste mundo: 'Não és o Cristo? Salva-te a ti e mesmo e salva-nos a nós' (Lc 23,39). O mundo pede milagres e espetáculo, quando uma coisa apenas é decisiva: a liberdade. O respeito de Deus pela liberdade humana e pela autonomia do mundo não se compadece com afirmações de poder em nome da Sua autoglorificação. Quando foi despojado das suas vestes, e em todo o processo da sua condenação e morte, Jesus não estava a fazer de conta. Estava a ser um de nós e, ao mesmo tempo, a falar-nos de Deus, do seu e nosso Pai.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a liberdade e o desapego das coisas deste mundo. Ajuda-nos a saber frui-las sem as endeusar, porque há sempre um momento na vida de todos em que ficaremos expostos à nudez e à verdade simples da nossa condição.

ESTAÇÃO 11: JESUS É CRUCIFICADO

Este é o verdadeiro momento da subida ao Calvário. Quando o corpo de Jesus cravado na cruz é elevado pelos soldados, Ele vê a cidade, ao fundo, pela última vez. A cidade, símbolo da habitação e da organização social do homem. A cidade que o expulsou. A cidade que, já na sua hora de vir a este mundo, lhe recusou hospedagem. Ser igual a Deus ou matá-lo: eis a história resumida da humanidade entre o Paraíso e o Calvário.

A cruz é um lugar medonho que nega qualquer identidade ou qualquer pertença. Os condenados, em suspensão na cruz, são escória: o lugar de crucificação é fora da cidade e as suas roupas são confiscadas. Os seus cadáveres, não sendo reclamados, ficam a apodrecer e a alimentar os abutres. A condenação, e consequente execução, procura apagar a humanidade do condenado. Não é apenas a divindade de Jesus que lhe é negada. É também a sua humanidade.

A cruz é um cruzamento, um lugar de escolha e decisão. Perante a cruz somos obrigados a tomar posição. Quem decide seguir o rasto do crucificado tem de assumir as consequências. Ninguém pode acreditar tranquilamente. 'Ai dos que vivem tranquilos em Sião' (Amós, 6,1). A fé em Cristo não é um lugar solarengo e acomodado. Quem se acomoda na fé, nega aquilo em que diz acreditar. A fé é mais um agitador do que um tranquilizante. A fé, antes de ser doação, vida e conforto espiritual, incorpora o sinal da cruz, o sinal da condenação, da injustiça, do sofrimento mais atroz. Não sendo um ponto de chegada, porque dá passagem ao sol inteiro da ressurreição, a cruz é um lugar de passagem e de compromisso. Não sendo uma opção (Jesus não escolheu morrer, nem a morte de cruz), é a consequência lógica da denúncia, da luta pelo bem de todos, sobretudo dos mais desprotegidos da sociedade. A cruz é a cruz da luta, da não capitulação perante os opressores de todas as opressões. Não há Domingo de Páscoa sem Sexta-feira Santa.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a tomar sobre os ombros a cruz que resulta do nosso compromisso contigo e com o Teu Evangelho. Ajuda-nos a nunca desistir dos mais frágeis, dos que vivem distantes do conforto e da segurança da cidade, dos que, sendo deserdados dos bens deste mundo, mantêm viva a aspiração por um mundo melhor.

ESTAÇÃO 12: JESUS MORRE NA CRUZ

A morte de Jesus terá sido relativamente rápida, dado que não foi necessário quebrar-lhe as pernas para a apressar. Talvez a última imagem que levou deste mundo tenha sido a imagem da cidade de Jerusalém, ao fundo, desfocada, trémula. A cidade que, no espaço de poucos dias, o recebeu triunfalmente e o condenou à morte. A cidade eleita por Deus. A cidade disputada. A cidade dividida. A cidade procurada pelos peregrinos ao longo da história. 'Jerusalém, a minha língua fique calada se me esquecer de ti' (Salmo 136).

Perante Jesus, morto na cruz, o silêncio. A morte obriga-nos a silenciar, a entrar numa viagem interior. Uma viagem aos limites da nossa condição. Habitualmente dizemos que a morte é injusta, ou algumas mortes são injustas. É uma maneira de falar. Na morte não há justiça nem injustiça, porque ela vem para todos, muitas vezes, imprevistamente. Todos sabemos que caminhamos ao seu encontro, que somos 'um ser para a morte' (Heidegger, Ser e Tempo). Mais tarde ou mais cedo, desaguaremos nesse oceano incerto, misterioso e profundo. Há mortes que nos doem mais do que outras. Há mortes cruéis. Há mortes que se antecipam à nossa previsão. Há mortes que parecem chamar-nos.

Perante a morte de Jesus silenciamos, sem compreender. Adoramos o Seu corpo morto. A adoração dispensa explicações, dispensa o esforço do entendimento, porque o que havia para entender ficou para trás. A adoração é o esvaziamento de si para que esse espaço interior, limpo de cogitações, seja ocupado por Deus. Na adoração não há súplica, nem louvor, nem contrição. Há apenas esvaziamento. Aquele que adora, esquece-se de si, deixa-se suspender nos braços de Deus, fora do entendimento e da linguagem.

Perante Jesus crucificado, a adoração, a entrega, a confiança. Diante de nós está a razão da nossa confiança. Diante de nós, o tempo em prodigiosa suspensão, o tempo da germinação da semente no seio da terra, da terra-mãe, prestes a dar à luz o mais extraordinário dos milagres: a vitória da vida sobre a morte.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a morrer todos os dias das nossas mortes e a compreender que esse é um processo necessário no caminho para Ti, o Deus de Jesus Cristo. Ajuda-nos a colocar a doação antes do egoísmo, a alegria antes da tristeza, o amor antes do ódio, o perdão antes da vingança, a água transparente antes da água fétida da discórdia e da traição.

ESTAÇÃO 13: JESUS É DESCIDO DA CRUZ E ENTREGUE A SUA MÃE

Os quatro evangelistas referem José de Arimateia como o homem que desceu Jesus da cruz para lhe dar sepultura. E, no entanto, o que a tradição, a devoção e as artes fixaram deste momento foi Maria, a mãe de Jesus, com o Filho morto nos braços. A pietà, cuja representação começou a vulgarizar-se em finais da Idade Média, no contexto da peste negra, é a representação deste momento. Maria acompanhou o seu Filho durante a subida ao Calvário. Cruzou-se com Ele visualmente e, agora, quando tudo ficou consumado, recebe o seu corpo sem vida nos braços. Antes de o entregar à sepultura têm este último momento de intimidade.

Todos os dias, pelo mundo inteiro, este gesto se repetiu e se repete: a mãe com um filho morto ao colo. Umas vezes acontece por razões da natureza, outras vezes acontece fruto da vontade dos homens. A história está sempre a criar pietàs, a entregar filhos mortos às mães, em consequência de conflitos, guerras sangrentas, tragédias diversas. A morte dum filho é uma prova extrema que nenhum pai e nenhuma mãe deviam experimentar. A morte ou o desaparecimento, essa outra praga do nosso tempo que cria pietàs ainda mais dolorosas: as mães que choram um filho e nem o seu corpo morto podem velar. Roubar um filho é roubar a vida, a memória, a dignidade, o futuro. É roubar tudo. O rapto de crianças nega a humanidade. Tudo o que de bom o homem foi e é capaz de construir na sua história é negado perante um acto clamoroso como é o rapto duma criança ou dum jovem. É como se o mundo inteiro ficasse encerrado numa noite eterna e toda a alegria e confiança fossem apagadas.

Maria teve a possibilidade de receber Jesus no seu colo e recolher para dentro de si a memória do último momento. Todos os momentos são últimos, não voltam a repetir-se. Tudo o que nos acontece, acontece sempre pela primeira e última vez. Mas há alguns que reúnem e ordenam a totalidade da vida. Assim aquela imagem de Nossa Senhora com Jesus morto nos braços. Os artistas, desde a Idade Média, foram seduzidos por ele e o representaram nas suas artes: na pintura, na escultura, na música, no cinema, no teatro, na literatura. E com as suas representações acrescentaram alguma coisa à nossa memória coletiva, tornaram mais rica a herança cristã.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a amar a vida em todas as suas formas e possibilidades, a vida pujante e a vida frágil. Ajuda-nos a criar mais humanidade para que seja afastado da face habitável do mundo o crime hediondo do rapto e tráfico de pessoas, para que nenhuma mãe seja condenada a um estado vegetativo por motivo do roubo de um filho.

ESTAÇÃO 14: JESUS É SEPULTADO

Dar sepultura ao corpo humano é um ato de civilização. Os nossos antepassados mais primitivos, cedo começaram a dar sepultura aos seus mortos e isso significou um enorme passo no processo de compreensão e dignificação do ser humano. O corpo humano morto é mais do que um despojo, mais do que uma máquina animada que deixou de funcionar. A humanidade do homem não pode ser medida apenas pelo seu corpo, pois ele é habitação de algo que transcende a sua materialidade histórica. O desenvolvimento duma cultura da morte, com tudo o que lhe está associado (os túmulos, às vezes monumentais, os adereços decorativos, a demarcação do campo santo, os rituais de enterramento, etc) alimentou a ideia de que a morte, sendo o fim duma etapa, talvez seja o começo doutra.

O cristianismo altera radicalmente a relação com a morte: porque o Filho de Deus passou pela morte e saiu dela vitorioso. O mais antigo inimigo do homem, a morte, foi vencido. Depois de passar três dias no seio da terra, Jesus iluminou-nas suas profundezas e fez brotar dela uma esperança nova para o mundo. Ninguém falou melhor deste mistério do que o evangelista S. João (12,24) com a metáfora da semente: 'se o grão de trigo lançado à terra não morrer fica só, mas se morrer dará muito fruto'. A sepultura de Jesus cumpre este desígnio de iluminação da terra e de comunhão, até ao limite mais extremo, com a condição humana.

A sepultura de Jesus, partilhando o destino de todos os que morrem, representa um tempo de paciência e de confronto para a fé. Aparentemente tudo terminou. Depois do entusiasmo gerado pela sua pregação, depois da promessa de um mundo novo que Ele mostrou presente em tantos momentos do seu ministério, tudo parecia, afinal, não passar de mais uma ilusão alimentada por um homem bom, sem dúvida, mas inconsequente. O entusiasmo alimentado pelos discípulos e pelos mais próximos, a esperança nascida nos lugares mais inóspitos da pobreza, da marginalidade e da exclusão, descera à realidade fria da terra juntamente com o Seu cadáver. Aqueles três dias de espera representam a eternidade da fé à procura da sua própria compreensão.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, o caminho da vida. Se durante o percurso nos perdermos ou desanimarmos, toma a nossa mão com a Tua mão e conduz-nos às moradas eternas que tens preparadas junto do Pai.

ESTAÇÃO 15: A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Nada poderá dilatar tanto o coração humano como a fé na Ressurreição. Acreditar que a morte foi vencida, que lhe foi retirada a última palavra, e que o nosso percurso histórico tem continuidade eterna junto de Deus, dá sentido a tudo, ilumina tudo. As lutas históricas contra o mal e a tirania, contra a arrogância e a miséria, contra todas as formas de injustiça que desvirtuam a cidade terrena, são afinal lutas que produzem efeito, mesmo quando perdidas. Os sonhos de fraternidade universal não estão condenados a perder-se na ilusão ou a ser triturados pela maquinaria impiedosa dos poderosos.

Naquela manhã do terceiro dia, nasceu um novo sol. A sua luz brilhou como nunca tinha brilhado e alcançou até os lugares mais sombrios. A notícia do túmulo vazio espalhou-se depressa: 'Não está aqui. Ressuscitou'. Ainda hoje, e até ao fim dos tempos, em cada Páscoa que celebramos, é como se estivéssemos todos aí, nessa manhã, testemunhando a mais revolucionária das notícias. Afinal, é possível 'ser como deuses'. Afinal, o sonho do Paraíso pode realizar-se. O caminho para a sua realização é que foi radicalmente alterado: não é pelo mérito, a astúcia e o conhecimento do homem que se alcança, mas é um puro dom de Deus.

A força da Ressurreição de Cristo, a sua energia inesgotável, continua a alentarmos. Ele precedeu-nos, mas o encontro está marcado no monte Sião, nesse dia de plenitude, onde não haverá mais pranto nem lágrimas nem sofrimento, porque 'tudo o que era antigo desapareceu e seremos habitantes eternos de novos céus e de nova terra' (Ap 21,1). Ninguém é capaz de imaginar o que nos está reservado. Nesse dia, a criação inteira, liberta enfim do pecado e da morte, cantará eternamente a glória de Deus.

A fé não é um movimento fácil. É um dom que exige conquista e uma conquista que exige dom. Ninguém chega à fé e permanece nela por si mesmo. Ninguém chega à fé se não lutar para a manter: pela oração e pelo compromisso.

ORAÇÃO: Ensina-nos, Senhor, a humildade da fé. Ajuda-nos a ser como a terra que recebe do céu a chuva que a faz produzir e ser fértil; para que possamos dar frutos abundantes de paz e de reconciliação. Só em Ti e por Ti podemos testemunhar em palavras e obras a herança extraordinária da Ressurreição.